

## QUEST. XLIII. — DA CAUSA DO TEMOR.

Em seguida devemos tratar da causa do temor. E sobre esta questão dois artigos se discutem:

1. Se o amor é causa do temor;
2. Se a causa do temor é um defeito.

### ART. I — SE O AMOR É CAUSA DO TEMOR.

*(In Psalm.XVIII).*

O primeiro discute-se assim. — Parece que o amor não é causa do temor.

1. — Pois, o que provoca alguma coisa é causa da mesma. Ora, o temor provoca o amor de caridade, como diz Agostinho<sup>1</sup>. Logo, o temor é causa do amor e não inversamente.

2. Demais — Como diz o Filósofo, *tememos sobretudo aqueles de quem esperamos algum mal iminente*<sup>2</sup>. Ora, somos levados mais ao ódio do que ao amor daqueles de quem esperamos algum mal. Logo, o temor é causado mais pelo ódio do que pelo amor.

3. Demais — Como já se disse (q. 42, a. 3), o que provém de nós mesmos não se manifesta como temível. Ora, o que procede do amor provém, especificamente, do íntimo do coração. Logo, o temor não é causado pelo amor.

Mas, *em contrário*, diz Agostinho: *É certo que não há outra causa de temor senão a de perdermos o objeto amado quando possuído, ou não possuí-lo quando esperado*<sup>3</sup>. Logo, todo temor é causado por amarmos alguma coisa. Portanto, o amor é causa do temor.

---

<sup>1</sup> Super canonican. Ioan. (tract. IX).

<sup>2</sup> II Rhetoric. (cap. V).

<sup>3</sup> lib. LXXXIII Quaestion. (q. XXXIII).

SOLUÇÃO. — Os objetos das paixões da alma estão para ela como as formas para os seres naturais ou artificiais; pois as paixões se especificam pelos seus objetos, como os seres naturais pelas suas formas. Por onde, assim como a causa da forma o é daquilo que ela constitui; assim, tudo o que, de qualquer modo, é causa do objeto, é causa da paixão. Ora, a causa de um objeto pode ser eficiente ou dispositiva material. Assim, o objeto do prazer é o bem aparente conveniente e conjunto, cuja causa eficiente é o que produz a conjunção, a conveniência, a bondade ou a aparência desse bem. Por outro lado, a causa dispositiva material é o hábito, ou qualquer disposição pelo qual se nos torna conveniente ou aparente o bem conjunto.

Assim pois no caso em questão, o objeto do temor é o mal considerado como tal, como futuro e próximo e ao qual não podemos resistir facilmente. E portanto o que nos pode causar esse mal é causa efetiva do objeto do temor, e por consequência do próprio temor. O que porém nos torna de tal modo dispostos que temamos o mal de que acabamos de falar, é causa do temor e do seu objeto, como disposição material. E deste modo o amor é causa do temor. Pois, é de amarmos um bem que se nos torna mal o que dele nos priva; e por isso o tememos como um mal.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Como já dissemos (q. 42, a. 1), o temor em si mesmo e primariamente diz respeito ao mal de que foge, e oposto a algum bem amado, e portanto, nasce do amor. Secundariamente porém respeita aquilo por que provém o mal. E assim, acidentalmente, às vezes provoca o amor, i. é, quando tememos sermos punidos por Deus, observamos-lhe os mandamentos; donde, o início da esperança, que provoca o amor, como já dissemos (q. 40, a. 7).

RESPOSTA À SEGUNDA. — Começamos por ter ódio à pessoa de quem esperamos o mal; mas, começa a ser amada desde que dela começamos a esperar o bem. Pois, desde o princípio era amado o bem, a que contraria o mal temido.

RESPOSTA À TERCEIRA. — A objeção procede relativamente à causa eficiente de um mal temível, ao passo que o amor é causa do mal a modo de disposição material, como já dissemos.

**ART. II — SE A DEFICIÊNCIA É A CAUSA DO TEMOR.**

*(In Psalm.XXVI).*

O segundo discute-se assim. — Parece que a deficiência não é causa do temor.

1. — Pois, os que têm poder são os mais temidos. Ora, a deficiência é contrária ao poder. Logo, não é causa do temor.

2. Demais — Os que vão ser decapitados sofrem a máxima deficiência. Ora, eles não temem, como diz Aristóteles<sup>4</sup>. Logo, a deficiência não é causa do temor.

3. Demais — Lutar supõe força e não deficiência: Ora, os competidores temem os que concorrem com eles, como diz Aristóteles<sup>5</sup>. Logo, a deficiência não é causa do temor.

Mas, *em contrário*. — Os contrários são causas uns dos outros. Ora, *as riquezas, a força, a multidão dos amigos e o poder excluem o temor*, segundo Aristóteles<sup>6</sup>. Logo, a falta desses elementos é a causa do temor.

SOLUÇÃO. — Como já dissemos, podemos descobrir dupla causa do temor: uma, como disposição material de quem teme; a outra, como causa eficiente, da parte de quem é temido.

Quanto ao primeiro ponto, a deficiência é em si mesma causa do temor; pois é por alguma deficiência de forças que não podemos facilmente repelir o mal iminente. Contudo, para causar o temor é preciso tenha a deficiência certa medida. Pois é menor a

---

<sup>4</sup> II Rhetoric. (cap. V).

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> Ibid.

deficiência que causa o temor do mal futuro, que a consecutiva ao mal presente, que provoca a tristeza. E ainda seria maior a deficiência, se ficasse totalmente eliminado o sentimento do mal, ou o amor do bem, cujo contrário é temido.

Quanto ao segundo, a força e a robustez, em si mesma, é causa do temor. Pois, é por apreendermos, como nocivo o que é forte, que não lhe podemos repelir os efeitos. Pode porém acontecer, acidentalmente, que no caso vertente uma deficiência cause o temor; assim quando é causa de alguém querer nos fazer mal, por uma injustiça, p. ex., ou porque foi lesado antes, ou teme sê-lo.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — A objeção formulada relativamente à causa do temor procede se se trata da causa eficiente.

RESPOSTA À SEGUNDA. — Os que vão ser decapitados são presas da paixão de um mal presente. Por onde, esse defeito excede a medida do temor.

RESPOSTA À TERCEIRA. — Os competidores temem, não por causa do poder com que podem lutar, mas por deficiência de poder; donde o não confiarem em que hão-de vencer.